

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

### GT 12 – Informação, Estudos Étnicos-Raciais, Gênero e Diversidades

#### CORPO, MEMÓRIA E MEDIAÇÃO EM TERRITÓRIOS ANCESTRAIS: CIDADE VELHA & PONTE NOVA

#### *EMBODIMENT, MEMORY AND MEDIATION IN ANCESTRAL TERRITORIES: CIDADE VELHA & PONTE NOVA*

**Vitor Bedeti Gomes** – Universidade FUMEC (FUMEC)

**Adriane Maria Arantes de Carvalho** – Universidade FUMEC (FUMEC)

**Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva** – Universidade do Porto (UP)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** A mediação da informação pode ser entendida como a construção ativa de significados. No contexto de comunidades africanas e quilombolas a mediação da informação e de saberes se articulam por meio de práticas que envolvem o território, a memória e os modos de transmissão cultural. O artigo tem o objetivo de investigar como as matriarcas dos grupos culturais “Nôs Herança”, na Cidade Velha - Cabo Verde, e “Ganga Zumba”, do Quilombo Fátima em Ponte Nova - Minas Gerais, atuam como mediadoras da informação em seus territórios. A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva e adota uma abordagem qualitativa e analítico-interpretativa. A pesquisa bibliográfica e a análise documental são complementadas por observação participativa das práticas culturais. Foi observado que, por meio do batuco, as matriarcas do grupo Nôs Herança atuam como operadoras de temporalidade ao narrar as dores, as lutas, as alegrias e as esperanças de seu povo. No grupo Ganga Zumba, a memória também se inscreve no corpo em movimento, nos ritmos que atravessam o tempo, nos gestos que reatualizam narrativas silenciadas. A dança apresenta-se como espaço político de enunciação e continuidade. Conclui-se que os grupos representam instâncias práticas da mediação da informação enquanto ação de interferência e apropriação coletiva dos saberes. Nos grupos, as vozes das matriarcas, seus corpos e suas expressões rítmicas são veículos vivos da mediação da informação. Os instrumentos, os ritmos e as danças são dispositivos de mediação e esta não é passiva, mas um ato de criação, de renovação e de preservação da memória.

**Palavras-chave:** mediação da informação; memória; gênero; quilombo.

**Abstract:** The mediation of information can be understood as the active construction of meanings. In the context of African and quilombola communities, the mediation of information and knowledge is articulated through practices that involve territory, memory and modes of cultural transmission. The article aims to investigate how the matriarchs of the cultural groups “Nôs Herança”, in Cidade Velha - Cape Verde, and “Ganga Zumba”, from the Quilombo Fátima in Ponte Nova - Minas Gerais, act as mediators of information in their territories. The research is exploratory and descriptive in nature and adopts a qualitative and analytical-interpretive approach. Bibliographical research and documentary analysis are complemented by participatory observation of cultural practices. It was observed that, through batuco, the matriarchs of the Nôs Herança group act as temporality operators by narrating the pain, struggles, joys and hopes of their people. In the Ganga Zumba group, memory is also inscribed in

the body in movement, in the rhythms that cross time, in the gestures that revive silenced narratives. Dance presents itself as a political space for enunciation and continuity. The conclusion is that the groups represent practical instances of information mediation as an action of interference and collective appropriation of knowledge. In the groups, the voices of the matriarchs, their bodies and their rhythmic expressions are living vehicles for the mediation of information. The instruments, rhythms and dances are mediation devices and this is not passive, but an act of creation, renewal and preservation of memory.

**Keywords:** information mediation; memory; gender; quilombo.

## **1 INTRODUÇÃO**

A informação é sopro vital que atravessa os tempos, é fio invisível que tece comunidades e sustenta a memória dos povos. Quando falamos em mediação da informação, não nos referimos apenas a aspectos relacionados à transmissão de dados, mas à dança ancestral em que o saber se move, se ressignifica e se enraíza nas práticas cotidianas. A mediação, nesse sentido, é gesto, é palavra, é sonoridade e silêncio carregado de história, ato de humanidade profunda que conecta passados, presentes e futuros, uma ponte.

A mediação da informação é sempre um ato de atravessamento: não se limita à neutralidade nem ao silêncio. Move-se entre o consciente e o inconsciente, entre o gesto singular e a ação coletiva, carregando consigo intenções, escolhas e memórias. É o movimento que transforma e se deixa transformar, instaurando sentidos na circulação dos saberes. Nesse fluxo, a informação não apenas chega ao outro, mas se reinventa em cada encontro, respondendo às necessidades de quem a recebe e recriando o tecido vivo da comunidade.

A compreensão tradicional da mediação como uma ponte que conecta dois pontos fixos sem modificar trajetórias ou sentidos é criticada por Almeida Júnior (2008) justamente por sua rigidez e estaticidade, que não representam a natureza viva e dinâmica da mediação informacional. Segundo o autor, “a imagem da ponte parece-nos inapropriada, em especial porque apresenta a ideia de algo estático, que leva alguma coisa de um ponto a outro ponto – sendo estes predeterminados e fixos – e que não interfere no trajeto, no modo de caminhar e no final do percurso” (Almeida Júnior, 2008, p. 3).

Nesse estudo entendemos que a mediação da informação atravessa todas as etapas do fazer informacional, do recolhimento ao compartilhamento. Não é coadjuvante, mas força que interfere no próprio objeto da Ciência da Informação (Almeida Júnior, 2008). Implícita, aparece nos gestos de selecionar e organizar; explícita, se revela no encontro direto entre sujeitos. Em ambos os casos constrói sentidos, deslocando a prática para uma dimensão crítica e ativa. Entre povos tradicionais e originários, essa mediação assume contornos ainda mais profundos:

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

inscreve-se no corpo em movimento, no ritmo e na voz, fazendo do gesto e da performance um lugar de memória e de conhecimento, onde o tempo não é apenas linha, mas presença viva que se reescreve a cada ato.

Segundo Almeida Júnior (2008), a mediação é tão central que propõe que ela, e não a mera informação registrada, seja reconhecida como o verdadeiro objeto da Ciência da Informação, dada sua capacidade de transformar e dinamizar o conhecimento em contextos sociais concretos e é a partir deste contexto que compreendemos a mediação como uma ponte nova, um lugar de conexão, que une carrega intenções, valores e transforma tanto a informação quanto quem a recebe.

A escolha de nomear a mediação como "ponte nova" neste artigo carrega, intencionalmente, um duplo sentido, que é, ao mesmo tempo, simbólico e geográfico. Inspirada pelo nome da cidade de Ponte Nova, em Minas Gerais — território onde se localiza o Quilombo Ganga Zumba (Bairro de Fátima), essa expressão remete a um elo histórico de conexão entre o Brasil e a África, particularmente com a Cidade Velha, em Cabo Verde, origem ancestral dos povos que deram vida ao quilombo. A "ponte nova" representa, assim, não uma estrutura rígida e estática, mas uma travessia viva, construída pelo movimento contínuo da memória, da resistência e da transmissão cultural. Ao evocar essa imagem, reafirma-se a mediação da informação como um processo dinâmico, de reconstrução de saberes, onde o passado e o presente se encontram para sustentar e projetar as heranças quilombolas em direção ao futuro.

Neste artigo, temos o objetivo de investigar como as matriarcas dos grupos culturais "Nôs Herança" e "Ganga Zumba" atuam como mediadoras da informação em seus territórios. O grupo "Nôs Herança", fundado em 1990 na Cidade Velha, Cabo Verde, por vinte mulheres, majoritariamente mães solteiras e peixeiras, tem como missão preservar, celebrar e difundir a riqueza cultural do batuco, dança e expressão ancestral de resistência. Por sua vez, o Grupo Afro Ganga Zumba, localizado no Bairro de Fátima, em Ponte Nova (MG), também se dedica à manutenção e valorização das tradições afrodescendentes. Compreendemos que, no seio desses coletivos, as mulheres mais velhas, depositárias de memórias, gestos, saberes e práticas, operam como mediadoras vivas da informação, transmitindo, transformando e atualizando conhecimentos essenciais para a manutenção da identidade e da cultura de seus povos. Sua atuação reafirma que a mediação da informação não se limita aos espaços formais, mas pulsa de maneira orgânica, afetiva e resistente nas práticas cotidianas das comunidades ancestrais.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa é de natureza exploratória e descritiva. Adota uma abordagem qualitativa e analítico-interpretativa. A escolha pela abordagem qualitativa se justifica pela natureza do objeto de estudo, que exige a análise profunda de práticas culturais, memórias e processos simbólicos.

O estudo é fundamentado em três frentes metodológicas principais: a pesquisa bibliográfica e a análise documental, complementadas por observação participante das práticas culturais dos grupos realizados. Um dos autores deste artigo é quilombola, cuja trajetória é tecida nas encruzilhadas do cuidado materno e da experiência coletiva. Filho de mulher negra, quilombola, integrante do Grupo Ganga Zumba, carrega em sua formação os gestos e os cantos que moldam a memória e sustentam a permanência. Sua relação com o grupo é direta, além de também ser atravessado por vivências que incluem a presença em eventos com o Nôs Herança e o trânsito por Cabo Verde, onde habitou a Cidade Velha e partilhou de seus territórios e ritmos. Essa inserção confere à investigação não apenas um olhar externo, mas um envolvimento afetivo e epistemológico, no qual a experiência vivida se torna parte do processo de produção de conhecimento. Assim, o estudo articula a presença do pesquisador enquanto sujeito da comunidade, valorizando a imersão nos territórios e nos gestos, e reforçando a mediação como prática encarnada na experiência coletiva.

A análise dos dados se deu de forma interpretativa, buscando articular o conceito de mediação da informação como interferência ativa, de acordo com Almeida Júnior (2008), às práticas concretas de transmissão de saberes realizadas pelas matriarcas. A pesquisa interpretou o batuco, no caso do grupo Nôs Herança, e as manifestações culturais afro-brasileiras, no caso do grupo Ganga Zumba, como práticas informacionais, nas quais a informação circula e é apropriada socialmente de modo dinâmico e contínuo.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu observar não apenas os conteúdos informacionais transmitidos, mas, sobretudo, os modos como a mediação ocorre nas práticas, nos gestos, nos rituais e nos comportamentos cotidianos, reforçando a ideia da informação como fato social incorporado nas experiências coletivas.

## 3 MEDIAÇÃO E MEMÓRIA

Para Almeida Júnior (2008) a mediação da informação deve ser entendida como toda ação de interferência direta ou indireta, consciente ou inconsciente, singular ou coletiva,

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

realizada pelo profissional da informação, capaz de propiciar a apropriação da informação que atenda, plena ou parcialmente, a uma necessidade informacional. Essa concepção destaca que a mediação não é neutra nem passiva; ao contrário, ela carrega intencionalidades, ideologias e transformações, operando de forma ativa no processo de circulação do saber.

Gomes (2014) situa o *lócus* da mediação nas práticas de comunicação e de transmissão cultural. E por isso entende que uma dimensão da ação mediadora é a dimensão dialógica que possibilita o encontro e a manifestação de subjetividades e reconhece o sujeito da mediação como portador de um protagonismo social. Mas a ação mediadora também contempla as dimensões estética, formativa, política e ética, as quais se articulam. A dimensão estética reconhece a mediação como uma ação geradora de experiências, de encontros, entre os sujeitos produtores e mediadores e os dispositivos (instrumentos, processos, produtos, serviços, espaços e ambientes) que possibilitam a busca, o acesso e o uso da informação (Gomes, 2014). Em relação à dimensão formativa,

[...] mesmo não ocorrendo atividades planejadas e sistematizadas de formação e qualificação, o próprio encontro com o conhecimento em estado de compartilhamento (informação) é potencializador da formação e da qualificação. Em essência, toda atividade humana tem um caráter formativo, já que no fazer, no movimento e na ação acaba-se por inventar ou reinventar essas e outras ações, repercutindo também em transformações dos próprios sujeitos sociais (Gomes, 2019, p. 18).

Por sua vez, a dimensão ética reconhece o caráter intervencionista da ação mediadora, conforme enfatizado por Almeida Júnior (2008), e está relacionada ao ato de cuidar (Gomes, 2014, 2019). A mediação, quando realizada de forma consciente, revela a dimensão política enquanto ação capaz de transformar a realidade social (Gomes, 2019). Essa perspectiva amplia a compreensão da mediação da informação como processo dinâmico, imerso nas práticas sociais e culturais que moldam identidades e modos de existência. A mediação é “um processo em que os sujeitos envolvidos atuam sobre a informação mediada construindo conhecimento de acordo com suas vivências ou embasamentos teóricos e científicos” (Ulian; Almeida Júnior, 2021, p. 245). A informação vai se construindo, se impregnando de intenções, interesses, desejos, valores” (Almeida Júnior, 2015). Assim,

é possível afirmar que a incorporação da informação, pelo sujeito, pode ocorrer inconscientemente por meio de representações e ações cotidianas, pois a informação pode ser apreendida como um fato social, e, dessa forma, influenciar o indivíduo como um fenômeno até mesmo natural no âmbito da realidade social a qual está submerso, seja por meio de instituições e/ou comportamentos adotados (Ulian; Almeida Júnior, 2021, p. 5).

Uma vez que a mediação de saberes é entendida como um processo que decorre do “ato

comunicacional entre pessoas que partilham saberes e vivências, perpetuando costumes, crenças, valores, comportamentos” (Santos Netto, 2024, p. 4), podemos assumir que, no contexto de comunidades quilombolas, a mediação da informação e a mediação de saberes se entrecruzam. O território quilombola é um elemento de identidade desses grupos sociais que se retroalimenta “por profundas raízes mantidas pelos laços de solidariedade orgânica próprias destas comunidades tradicionais” (Tessarotto, 2021, p. 8). Mas é sobretudo um “um lugar de memória e responsável pela produção de informação e conhecimento” (Laurindo; Pizarro, 2021, p. 12).

E, sob o viés étnico, essas novas formas de pertencimento aproximam-se das questões femininas por meio das expressões culturais (dança, culinária, músicas) e das formas de cura e de religiosidade (Bargas; Cal, 2018). As mulheres quilombolas desempenham um papel vital nessas comunidades tradicionais reforçando vínculos de solidariedade, de pertencimento e de transmissão de experiências (Caetano, 2023).

Nesse horizonte, compreendemos que o corpo preserve e reinscreve os saberes a cada gesto. É no movimento, no ritmo e na vocalidade que a memória se faz presente e se projeta como conhecimento. Como destaca Leda Maria Martins (1995, p. 63), “o tempo, em determinadas culturas, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade”. A autora reconhece o corpo como “portal da sabedoria” pois “como índice de conhecimento, a palavra [...] é essencialmente, kinesis, movimento dinâmico, [...] pois nos remete a toda uma poieses da memória performática dos cantos sagrados e das falas cantadas no contexto dos rituais” (Martins, 2003, p. 67).

A capoeira, por exemplo, é um campo onde o corpo, na fluidez da ginga, na potência dos gestos e na energia dos movimentos, se transforma em portador da memória ancestral (Silva; Flecha, 2021). A performance, neste contexto, ultrapassa a dimensão da arte ou da recreação; ela se constitui como uma prática de ensino e resistência, sendo a materialização da memória cultural e histórica de um povo que resiste ao esquecimento e à invisibilidade. Assim, a capoeira, enquanto prática decolonial, torna-se uma ferramenta de mediação da informação, não apenas na transmissão de técnicas, mas como um processo ativo de ressignificação que se constrói e reconstrói a partir da vivência coletiva, do entrelaçamento de experiências e da ação transformadora.

A mediação da informação e a mediação de saberes nas comunidades quilombolas se articulam por meio de práticas que envolvem o território, a memória e os modos de transmissão cultural. As mulheres quilombolas participam desse processo ao compartilhar experiências e manter vínculos entre gerações. As mediações implícitas e explícitas também contribuem para organizar e transmitir informações, tanto nas práticas cotidianas quanto no uso de tecnologias. Esse conjunto de ações sustenta formas de circulação de saberes no interior dessas comunidades.

#### **4 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO: CIDADE VELHA & PONTE NOVA**

##### **4.1 Cidade Velha “Nôs Herança”**

Às margens do Atlântico, a Cidade Velha, na ilha de Santiago, Cabo Verde, constitui fundação urbana inaugural e ponto nodal das rotas atlânticas coloniais, entre montes e rochedos onde se entrelaçam geografia, história e resistência. Sua inscrição como Patrimônio da Humanidade em 2009 resulta de um processo de revitalização que, como aponta Correia (2019), só adquire força efetiva após a presença da UNESCO na década de 1980. Mais que patrimônio material, é signo da memória diaspórica e da persistência dos vínculos culturais. Nesse território, formado por pedras ancestrais, o grupo Nôs Herança, formado em 1990 por mulheres da Cidade Velha, ativa o batuco como gesto de reinscrição coletiva, convertendo silêncio em ritmo, ausência em presença. Suas ações instauram um espaço de resistência onde o cotidiano se transmuta em narrativa, e a tradição, em prática de reinvenção o cotidiano em território de resistência e reinvenção cultural (Correia, 2019).

As matriarcas do Nôs Herança não apenas reproduzem práticas herdadas; elas atualizam sentidos, renovam a memória e reafirmam a importância dos saberes femininos na construção da história cabo-verdiana. O batuco, dança do Nôs Herança é uma prática coletiva que se desenvolve em torno da roda, uma configuração estrutural e simbólica, representando a continuidade, o ciclo ininterrupto do tempo e da cultura. No centro da roda, uma batucadeira conduz a performance com movimentos que são ao mesmo tempo gestos de expressão corporal e de narração silenciosa. O corpo, nesse contexto, se torna o repositório da memória ancestral, transmitindo, através do ritmo e da dança, saberes e emoções que se conectam diretamente com a vivência histórica do povo cabo-verdiano.

Na roda de batuque, a tchabeta sustenta o compasso e organiza o fluxo sonoro da prática

coletiva. Feita de madeira e pele animal, sua percussão articula corpo, voz e memória. Tocada com as mãos, conecta ritmos e movimentos, compondo, com o tambor e a caixa, uma gramática sonora de origem africana que transmite saberes por repetição e improviso. As variações *rapicada* e *bam-bam* modulam cantos em crioulo que narram o cotidiano da Cidade Velha e atualizam experiências de ausência, retorno e resistência. A letra improvisada, aliada ao gesto e à sonoridade, constitui um sistema de mediação em que o batoque opera como linguagem. Cada batida conecta presente e passado, instaurando a dança como tecnologia informacional. Por meio do batoque, as matriarcas narram experiências coletivas que a escrita não alcança, ativando corpos, vozes e ritmos como veículos da memória.

No território da Cidade Velha, o grupo Nôs Herança articula memória e projeção por meio das ações de suas matriarcas, ativando o batoque como tecnologia de reinscrição cultural. Suas práticas deslocam o batoque da esfera performática para o campo da mediação, onde corpo, ritmo e roda operam como linguagem de preservação e transmissão de saberes. A roda torna-se espaço de elaboração coletiva, onde passado e presente se entrelaçam na afirmação de identidades e na produção de sentidos que escapam à colonialidade. Nôs Herança configura-se, assim, como núcleo epistêmico em que cultura, território e memória sustentam a continuidade e esboçam futuros possíveis.

Portanto, a dança do Nôs Herança é uma prática em constante evolução, um elo contínuo entre o passado e o futuro. Ela se afirma como um meio de resistência ao esquecimento, uma ferramenta de mediação da informação, onde o corpo, ao se mover, transmite histórias, saberes e afetos que, mesmo silenciados nos registros formais, encontram sua voz e sua força na roda, no batoque, no ritmo.

#### **4.2 Ponte Nova “Ganga Zumba”**

Localizada na região da Zona da Mata mineira, a cidade de Ponte Nova carrega em seu território uma história marcada pela força do trabalho, pelas dinâmicas da colonização e, sobretudo, pela resistência dos povos afrodescendentes (Belico, 2018). É nesse cenário que se inscreve o Quilombo Fátima, uma comunidade que preserva, nas veias do cotidiano, os traços da ancestralidade africana trazida pelos que, um dia, foram arrancados de suas terras e que, aqui, refizeram caminhos de liberdade.

O Quilombo Fátima, em Ponte Nova, configura-se como território de memória e prática cultural, onde tradições e saberes se atualizam por meio de expressões coletivas. Nesse

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

contexto, destaca-se o Grupo Afro Ganga Zumba, que “nasceu da experiência de um grupo de mulheres a partir de uma apresentação de dança num evento local, em 1988” (Amaral; Costa, 2019). Criado pelas matriarcas do quilombo, o grupo reafirma a identidade quilombola por meio da música, da dança, da oralidade e da celebração de símbolos ancestrais. Suas práticas operam como mediação da informação, promovendo a circulação de saberes que resistem ao apagamento e projetam, no presente, possibilidades de continuidade e afirmação coletiva.

Em seus 35 anos, o “Ganga vem se consolidando e obtendo reconhecimento gradual pelo seu trabalho sociocultural: recebeu o título de Utilidade Pública Municipal; conquistou a sede do Grupo, a Casa Ganga Zumba” (Rabelo, 2022). O grupo desempenhou um papel fundamental na luta pelo reconhecimento do quilombo junto à Fundação Cultural Palmares e oficialmente certificado em 2007 e foi reconhecido como Ponto de Cultura Estadual, inserindo-se nas políticas públicas de valorização das expressões culturais afro-brasileiras em Minas Gerais, e recebeu o título de Patrimônio Imaterial do município de Ponte Nova, reafirmando sua importância como guardião da memória, da resistência e da vitalidade cultural quilombola.

As músicas e as danças possuem um ritmo ancestral. Batuques reproduzidos por tambores de couro e batidas dos pés no chão remontam a histórias e memórias do povo negro. As danças possuem uma diversidade e uma intensidade de movimento que se transformam de acordo com o contexto político em que a apresentação acontece. É o movimento negro através do corpo negro em movimento na dança. “O corpo, linguagem primeira do ser, suporte de saberes, campo de possibilidades e encanto, mandingas, rasura a lógica imposta pelo encarceramento racial para se lançar como princípio e potência” (Rubino, 2019, p. 114).

No grupo Ganga Zumba, a memória se inscreve no corpo em movimento, nos ritmos que atravessam o tempo, nos gestos que reatualizam narrativas silenciadas. Cada batuque, cada passo, opera como ato de rememoração e reinscrição histórica, acionando uma temporalidade ancestral que escapa às narrativas oficiais. A dança, enquanto prática viva, desloca a memória do monumento ao corpo, do registro fixo à performance reiterada, instaurando o corpo negro como arquivo em trânsito, onde saberes se acumulam, se ativam e se projetam. Nesse processo, o gesto não é forma, mas linguagem; não é repetição, mas permanência que se reinventa. Como aponta a própria experiência do Ganga Zumba, a memória não se preserva, ela se move entre corpos, entre tempos, entre ritmos, constituindo a dança como espaço político de enunciação e continuidade.

A apresentação inicia com o som dos tambores de couro, que reverberam pelo espaço e convocam o público à escuta da ancestralidade. O ritmo cresce em intensidade à medida que as dançarinas formam uma roda, e seus gestos corporais traçam memórias da natureza, dos campos e das lutas dos antepassados. Os pés batem no chão como pulsos da terra, e o movimento alterna força e fluidez, conduzido pelo tambor e pelo som do corpo, ativando a memória coletiva e a história de resistência.

Conforme a dança avança, os gestos se tornam mais intensos, mais expressivos. As dançarinas, com seus corpos repletos de significados, traçam círculos, se entrelaçam, representam a força e a sabedoria das mulheres que, por séculos, mantiveram viva a cultura negra. Cada movimento parece contar uma história de dor, de resistência, de liberdade e de celebração. No clímax da apresentação, o grupo se torna um só corpo coletivo, uma força unificada que pulsa, luta e celebra ao som do batuque. Quando os últimos tambores tocam suavemente, o público ainda pode absorver a energia vibrante que ecoa das danças, como se a memória do passado ainda estivesse viva no ar.

#### **4.3 A mediação da informação nos grupos Nôs Herança e Ganga Zumba**

A mediação da informação, conforme delineada neste estudo, convoca o corpo como instância primordial de transmissão, não como suporte, mas como tecnologia ancestral de inscrição e deslocamento de saberes. O gesto, o ritmo e a sonoridade constituem linguagens que transcendem a oralidade, instaurando formas de comunicação que operam no entrelaçamento de temporalidades. Ao abordar o Congado, Martins (2003, p. 77) ressalta que “as coreografias das danças mimetizam essa circularidade espiralada, quer no bailado do corpo, quer na ocupação espacial que o corpo em voleios sobre si desenha”. A autora cunha o termo oralitura para abordar essa performance “desenhada na letra performática da palavra ou nos volejos do corpo” (Martins, 2003, p. 77) que inscreve saber, conceitos e visões de mundo.

Nos grupos quilombolas Nôs Herança e Ganga Zumba, essa mediação corporificada configura-se como prática contínua, em que o conhecimento circula, persiste e se reatualiza por meio da repetição performativa. O corpo, ao dançar, torna-se campo de enunciação política, território de memória e instrumento de articulação comunitária. A dança, nesse contexto, não representa, mas age; não remete, mas produz. Ao mover-se, o corpo não apenas rememora, mas institui saberes, reinscreve histórias e projeta futuros, operando a mediação como prática epistemológica encarnada na experiência coletiva.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Nos grupos Nô Herança e Ganga Zumba, o corpo que dança não apenas revive tradições, mas reinscreve saberes, criando uma escrita que se renova em cada batida de tambor e em cada gesto coletivo. No batuco, as batucadeiras traçam na roda uma grafia rítmica que atravessa a pele e o tempo, transformando ausência em presença; no Ganga Zumba, os pés que batem o chão fazem emergir a memória de um povo em movimento contínuo de resistência. Nessa tessitura, o corpo se revela como território e arquivo, instaurando uma pedagogia própria em que gesto e ritmo se convertem em mediação. Como observa Martins (2021, p. 47), “o corpo bailarina o tempo que se grafa em seus movimentos: a dança não apenas expressa, mas produz conhecimento inscrito na memória do gesto”.

Nos quilombos, a dança e o movimento são expressões culturais e, também, espaços de preservação, transformação e renovação dos saberes, funcionando como resistências vivas contra a invisibilidade histórica e o apagamento das memórias dos povos afrodescendentes. O Batuco, no Nô Herança, e o Ganga Zumba, no Quilombo de Fátima, são práticas culturais onde o corpo, o movimento e o ritmo se entrelaçam como performances e como processos dinâmicos de mediação, onde o conhecimento é transmitido e renovado constantemente. “Dançar é performar, inscrever” (Martins, 2003, p. 78). O corpo, aqui, não é somente um receptáculo de movimentos coreografados, mas um veículo da memória, carregando em si as marcas do passado, ao mesmo tempo que projeta novas possibilidades para o futuro. Cada batida de tambor, cada movimento, cada gesto de dança se torna uma forma de mediação que não é passiva, mas que ativa as consciências, conecta as gerações e transforma as práticas culturais em espaços de resistência. Desta maneira, como assinala Martins (2003, p. 78), o corpo é “local de um saber em contínuo movimento de recriação formal, remissão e transformações perenes do *corpus* cultural”.

Os grupos quilombolas Nô Herança, e o Ganga Zumba, assim como os mestres de capoeira, erguem-se como guardiões da memória ancestral, que persiste além da exclusão social e cultural. A corporeidade tentacular de movimentos e sons, não é apenas um instrumento de expressão, mas um repositório de história, um veículo por onde se materializa a memória dos ancestrais. Neste sentido, o corpo é “meio de acesso à memória que possibilita a expressão dos saberes e conhecimentos pelos atos de transferência, no ensino e aprendizagem dessa tradição ancestral afrodiaspórica” (Silva; Flecha, 2021, p. 3). “Os sujeitos e suas formas artísticas que daí emergem são tecidos de memória, escrevem história” (Martins, 2003, p. 78). A dança, os gestos, os movimentos corporais são concretizações de uma epistemologia decolonial que resgata as

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

raízes africanas e as projeta para o presente, afirmando sua relevância para o futuro. A ação coletiva, os processos de transmissão de saberes nessas práticas, são formas de resistência, mas também de reexistência, onde o protagonismo das matriarcas e mestres se traduz em um enfrentamento constante contra o racismo, a opressão e a marginalização histórica.

Compreender o papel das matriarcas como mediadoras da informação implica reconhecer que a apropriação da informação pelas comunidades estudadas ultrapassa a transmissão consciente de conteúdos. A informação, nesse contexto, é incorporada de maneira contínua, por meio das práticas culturais, dos rituais e dos comportamentos cotidianos, o que corrobora com Ulian e Almeida Junior (2021). Os grupos representam instâncias práticas da mediação da informação enquanto ação de interferência e apropriação coletiva dos saberes.

As iniciativas se estruturam na atuação das matriarcas, que exercem a mediação da informação por meio da vivência, da oralidade e das práticas culturais, transmitindo saberes constitutivos das identidades locais. Como define Almeida Júnior (2008), a mediação envolve ações que possibilitam a apropriação de informações pelos sujeitos e suas comunidades. Nos dois contextos, as matriarcas selecionam, ressignificam e transmitem conhecimentos por meio do batuco, da dança, da música, das narrativas orais e dos rituais, atualizando saberes e reorganizando memórias em cenários de transformação.

No Nô Herança, a mediação se concretiza na manutenção e difusão do batuco como prática de resistência e de valorização da história cabo-verdiana. As mulheres do grupo atuam como mediadoras implícitas e explícitas: ao organizarem apresentações, transmitirem canções, histórias e modos de vida, interferem diretamente na maneira como a informação cultural é apropriada pelas novas gerações e pela comunidade mais ampla.

De modo análogo, no Grupo Ganga Zumba, a mediação se expressa através da reconstrução de práticas culturais afro-brasileiras, fortalecendo os vínculos entre memória e território no Quilombo de Fátima. Através de eventos, oficinas e manifestações culturais, as matriarcas configuram práticas informacionais que vão além da reprodução de conteúdo: elas ressignificam a história quilombola no presente, produzindo novos sentidos a partir das dinâmicas locais de resistência.

Dessa forma, esses grupos configuram espaços onde a mediação da informação se materializa como processo contínuo de interferência, construção de significados e fortalecimento identitário. Essa mediação contempla as cinco dimensões – dialógica, estética, formativa, política e ética – abordadas por Gomes (2014, 2019). As matriarcas, como

mediadoras, não apenas preservam, mas transformam e atualizam os conteúdos culturais, garantindo a circulação viva da informação e consolidando práticas sociais que sustentam as comunidades em seus respectivos territórios.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título *Cidade Velha e Ponte Nova* atua como referência geográfica e construção simbólica, articulando Cabo Verde e Minas Gerais a processos de memória, mediação e reinvenção. Ambos remetem à produção de sentidos entre temporalidades, delineando uma mediação informacional em movimento entre passado, presente e futuro. Assim como vincula-se ao conceito de oralitura, cunhado por Martins, que assinala “um saber que se borda pela fina lâmina da palavra ou no delicado gesto. Littera e litura. Gravuras da letra, do corpo e da voz” (Martins, 2003, p. 78).

Embora Almeida Júnior (2008) critique a metáfora da ponte por sua neutralidade estrutural, este trabalho propõe sua reconfiguração a partir das práticas observadas, nas quais a mediação se apresenta como instância viva, que participa dos deslocamentos e interfere nas travessias. A ponte, aqui, transforma as relações que conecta. Assumida como conceito operativo, a mediação da informação é compreendida como campo em fluxo, que atua sobre os percursos ao mesmo tempo em que é por eles transformada, instaurando modos de apropriação, circulação e criação de saberes em contextos quilombola e diaspórico.

Ao observarmos as ações das matriarcas dos grupos culturais Nôs Herança, da Cidade Velha, e Ganga Zumba, de Ponte Nova, como mediadoras da informação, compreendemos a mediação como um processo que excede as práticas formais de transmissão de saberes. A informação, nesse contexto, se manifesta por meio de práticas culturais como a dança, a música, os gestos e os movimentos corporais, que carregam memórias e saberes coletivos.

Em Nôs Herança a mediação se concretiza pela transmissão do Batuco, que, ao ser praticado, atualiza a memória histórica e opera como ferramenta de resistência. Ao transmitirem o Batuco, as matriarcas não apenas preservam um saber, mas o reconstroem em diálogo com novas gerações, promovendo continuidade e transformação. Cada gesto, som ou movimento torna-se um ato de mediação que conecta tempos e sujeitos, produzindo informação a partir da experiência e da ação coletiva.

De forma análoga, no *Ganga Zumba*, a mediação da informação se materializa na resistência das tradições afro-brasileiras, no fortalecimento da identidade quilombola e na

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

reafirmação dos saberes que ecoam no corpo coletivo da comunidade. As matriarcas operam uma mediação explícita, onde o corpo e os ritmos servem como um modo de transmissão e ressignificação de saberes que são profundamente enraizados nas práticas cotidianas e nas relações comunitárias. O batuque, o movimento dos pés no chão e os cânticos são os elementos através dos quais se manifesta a memória social e histórica, guardiã dos traços de um povo que resiste à invisibilidade e ao apagamento.

Em ambos os grupos, a dança e a música se tornam um elo entre o passado e o presente. Ao adotarem a mediação como uma prática constante e dinâmica, os grupos se tornam espaços de criação, de reinvenção, de resistência e de transformação. Em suas rodas de batuque, em seus movimentos coletivos, a informação se torna um fato social, como proposto por Ulian e Almeida Júnior (2021), que se constrói de forma contínua nas práticas de cada participante, desde a matriarca até os mais jovens. Essa construção de saberes não é linear, não é passiva, mas se desenrola ao longo do tempo e se reconfigura constantemente, imersa no cotidiano, nos gestos, nos ritmos e nas interações. A memória, então, não é algo congelado em um tempo específico, mas se perpetua através da ação, se reinventa a cada manifestação e se fortalece em cada geração que se encontra e se conecta.

A mediação implícita e explícita, nos termos propostos por Almeida Júnior (2008), configura-se como mecanismo estruturante dos processos informacionais nos grupos Nôs Herança e Ganga Zumba, operando na tessitura entre a ausência e a presença, entre o gesto silencioso e a enunciação direta. A mediação implícita se efetiva na organização e circulação de saberes orientados por demandas coletivas, ainda que não haja interlocução imediata. A explícita emerge na presença do corpo, na interação verbal, na tecnologia enquanto dispositivo de contato. Essas formas, ao se entrelaçarem, conformam um sistema de produção de sentido em fluxo, onde a informação se reconfigura em cada prática, em cada ritmo, em cada movimento. As matriarcas, nesse cenário, não apenas mantêm estruturas narrativas, mas ativam processos contínuos de reinscrição da memória, mobilizando o Batuque, os ritmos e as danças como dispositivos de atualização histórica, articulação comunitária e projeção de futuros possíveis.

Assim, os grupos nos mostram que a verdadeira mediação não é passiva, mas se configura como um ato de criação, de renovação e de preservação, onde o corpo e a memória se entrelaçam para formar um sistema dinâmico e transformador que se estende para as gerações futuras. A informação que circula nessas práticas culturais não é apenas absorvida, mas

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

vivida, reescrita e projetada, cumprindo seu papel fundamental na construção e fortalecimento das identidades coletivas. Portanto, é através dessas formas de mediação que os grupos Nô Herança e Gamba Zumba garantem que a história não seja apenas lembrada, mas mantida viva e transformada em cada gesto, em cada batida de tambor e em cada movimento do corpo em uma dança ancestral.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Ancib, 2008. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3037/2163>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Mediação da informação: um conceito atualizado**. *In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: ABECIN, 2015.

BARGAS, Janine; CAL, Danila. Luta por reconhecimento, identidades e relações de poder: as mulheres no movimento quilombola. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 6, p. 475-505, out./dez. 2018. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p475>. Acesso em: 26 ago. 2024.

BELICO, Marynara de Souza. **Memória, identidade e reconhecimento: um estudo sobre o processo de construção identitária de lideranças da comunidade quilombola de Fátima, Ponte Nova/M**. 2018. 157 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018. Disponível em: [https://dcs.ufv.br/wp-content/uploads/2021/03/Memoria-Identidade-e-Reconhecimento-um-estudo-sobre-o-processo-de-construcao-identitaria-de-liderancas-da-comunidade-quilombola-de-Fatima-Ponte-Nova-MG\\_compressed-1.pdf](https://dcs.ufv.br/wp-content/uploads/2021/03/Memoria-Identidade-e-Reconhecimento-um-estudo-sobre-o-processo-de-construcao-identitaria-de-liderancas-da-comunidade-quilombola-de-Fatima-Ponte-Nova-MG_compressed-1.pdf). Acesso em: 25 maio 2025.

CAETANO, Lindemberg Ribeiro. **Mulheres quilombolas do Buieí, Viçosa-MG: articulação e resistência frente aos desafios da Covid-19**. 2023. 130 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2023. Disponível em: <https://locus.ufv.br/items/51ab8673-eb18-41b5-910f-d7032832723c>. Acesso em: 13 set. 2024.

CORREIA, Ailton António Ramos. **Projeto e identidade: práticas de salvaguarda do património arquitetónico em Cabo Verde**. 2019. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2019. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/126640> Acesso em: 25 maio 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação e Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n2p46>. Acesso em: 27 mar. 2025.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion**, Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, mar./ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v5n2.p10-21>. Acesso em: 27 mar. 2025.

LAURINDO, Kariane Regina; PIZARRO, Daniella Camara. A importância da informação e memória no quilombo urbano Vidal Martins. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Ancib, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/240/253>. Acesso em: 15 mar. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, v. 26, p. 63-81, 2003. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

RABELO, Lívia. As performances da família Ganga Zumba: oralidade, saberes e apresentações. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. TERRITÓRIOS VIVOS, CORPOS PLURAIS - ANTROPOLOGIA E SABERES CRÍTICOS, 34., 2023, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: Comissão editora de livros científicos da ABA, 2023. Disponível em: <https://anais.rba.abant.org.br/34rba/>. Acesso em: 25 maio 2025,

RUBINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas: Exu como Educação. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 9, n. 4, out./dez. 2019. Disponível em: [https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese\\_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf](https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf). Acesso em: 25 maio 2025.

SANTOS NETTO, João Arlindo. Aproximações entre a mediação dos saberes e a informação científica na Amazônia. **Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 17, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47681/rca.v9i.65871>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Rubens Alves; FLECHA, Luis Carlos. A mediação da informação e o protagonismo de mestres da capoeira angola como chave no processo de promoção do giro-decolonial. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 17, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i2.5788>. Acesso em: 27 abr. 2025.

TESSAROTTO, Marco Antônio de Oliveira. Saberes e territorialidades: o caso dos jovens quilombolas do Matão-PB. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [S. l.], v. 10, n. 2, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4937/2970>. Acesso em: 18 set. 2024.

ULIAN, Simone Maria Gonçalves de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e seus impactos na formação da consciência de classe operária. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 241-260,

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

jan./jun. 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1797>. Acesso em: 25 maio 2025.